

“Quem sou eu” no orkut: confissão ou propaganda de si?¹

Sheila Dias Maciel²
Gisele Silva David³

Resumo: Neste artigo procuramos refletir sobre o teor confessional dos textos produzidos para o item “quem sou eu” do site de relacionamentos *Orkut*. A pesquisa focalizou os graduandos das quatro séries do curso de Letras (habilitação em língua e literaturas de língua portuguesa ICHS/CUR/UFMT, no ano de 2010). O *corpus* para análise foi constituído por 64 textos do item “quem sou eu” que estavam disponíveis na rede durante o período. Os resultados iniciais mostram que 72,90% dos alunos entrevistados são participantes do *Orkut*, mas apontam para a construção do “eu” voltada para a visibilidade e não para a singularização pela escrita. Por meio da análise deste *corpus* preciso, passa-se a acreditar que a confissão como narrativa autodiegética que singulariza o “eu” narrador por meio de matizes únicos conseguidos por um trabalho específico com a linguagem foi substituída pela exposição padronizada ou por clichês, numa forma de propaganda de si que difere das formas tradicionais de confissão literária consagradas pela historiografia ocidental.

Palavras-chave: Confissão; Orkut; Propaganda de si.

¹Parte deste trabalho foi produzido com o apoio PIBIC/UFMT.

²Docente do Departamento de Letras/UFMT/Campus de Rondonópolis e professora de “Literatura Confessional” no Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL)/UFMT.

³Bolsista de Iniciação Científica da Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis.

Resumen: En este artículo buscamos reflexionar sobre el contenido confesional de texto producidos para la sección ‘Quién soy yo’ del sitio de relacionamientos Orkut. La investigación se centra en los académicos de las cuatro series del curso de Letras con habilitación en lengua y literaturas de lengua portuguesa ICHS/CUR/UFMT, en el año de 2010. El corpus de análisis se constituye por 64 textos de la sección disponibles en la red en este período. Los resultados iniciales de la encuesta muestran que 72,90% de los alumnos participan del Orkut, pero apuntan para la construcción del yo con intenciones volcados no para la singularización a través de la escritura, sino para la visibilidad. El análisis de este corpus específico hace pensar que la confesión como narrativa autodiegética que singulariza el yo narrador a través de matices únicos logrados por un trabajo específico con el lenguaje se sustituye por la exposición tipificada o por clichés, una forma de propaganda de uno mismo que difiere de las formas tradicionales de confesión literaria consagradas por la historiografía tradicional.

Palabras- claves: Confesión, Orkut, Propaganda de uno mismo.

1.Ponto de Partida

A sociedade contemporânea está marcada por transformações aceleradas e constantes que permeiam o dia a dia das pessoas. Estas evoluções estão ligadas às áreas de tecnologia, mas envolvem, diretamente, todas as esferas do conhecimento humano.

Estamos imersos em um ambiente midiático em que as redes de comunicação transformaram as relações sociais e as práticas culturais, abrindo espaços para que os sujeitos tenham novas possibilidades de comunicação e de expressão. O acesso facilitado às ferramentas de criação da internet – a chamada *Web 2.0* - abriu um leque de possibilidades fazendo com que os sujeitos que antes eram somente “receptores” de conteúdo, agora sejam também “produtores” de conteúdo, fazendo com que o antigo hábito da escrita de “si” antes escrita “para si” agora seja escrita “para todos”, ou seja, para os milhões de usuários que acessam a rede.

Orkut, *blog*, *Twitter*, *web site*, *facebook* são algumas das ferramentas de comunicação e expressão que o mundo contemporâneo oferece. Basta ligar um computador conectado à rede para encontrar vários espaços que são verdadeiros convites à exposição: “– Quem é você? O que você está fazendo?”. E o “eu” que responde a essas perguntas e atende a esse convite passa a fornecer material para engrossar uma das modalidades do momento: os “relatos virtuais centrados no eu”.

Construir um perfil para o *Orkut* ou postar um relato diário em um blog são atividades que muitos sujeitos contemporâneos exercem diariamente numa espécie de construção e reconstrução de si. Esses novos *corpi* que são produzidos contribuem para entender o momento histórico em que estamos vivendo, quem é o sujeito desse momento histórico, o que está sendo produzido por esse sujeito e, principalmente, qual o teor dessas produções.

Para tentar compreender essas produções foi preciso constituir um *corpus* para análise, para tanto foi escolhido o Curso de Letras (Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa) da UFMT, Centro Universitário de Rondonópolis. Esse *corpus* específico foi composto pelas “escritas de si” encontradas no item “quem sou eu” do perfil do usuário no *Orkut*.

Adotamos o seguinte procedimento metodológico: primeiramente foi elaborado um questionário que posteriormente foi aplicado nas quatro turmas do curso e era composto por 11 perguntas. Através das oito questões iniciais tivemos acesso às informações sobre sexo, faixa etária, e-mail, confirmação de participação no *site* e o endereço no *Orkut*. As três questões restantes buscavam descobrir se, para os entrevistados, o *Orkut* é uma ferramenta confiável a fim de se obter informações sobre a personalidade alheia, se os entrevistados têm interesse em ler os perfis alheios, se ficaram satisfeitos com a própria resposta ao item “quem sou eu” e se costumam trocar com frequência a resposta a esse item.

Após a aplicação do questionário foi criado um perfil no *Orkut* para que a pesquisadora adicionasse os participantes da pesquisa e dessa forma tivesse acesso às informações constantes no item “quem sou eu” do perfil dos usuários.

Após ter acesso aos perfis dos participantes foi preciso organizar um *corpus* composto pelos textos dos alunos para o item “quem sou eu”, criando um catálogo informatizado com os textos coletados. E após a composição desse *corpus* base, empreendemos a análise dos textos separando-os segundo critérios específicos: textos de própria autoria, citações, textos retirados de sites de perfis para *Orkut*, letras de músicas, textos mistos (nos quais se entrelaçam textos próprios com letras de músicas e citações), textos bíblicos e ainda perfis em branco.

Em sequência amparados pelo conceito de confissão buscamos refletir se a aparente exposição do “eu” no *Orkut* é uma forma de desdobração da escrita confessional na atualidade.

2. O *Orkut*

O *Orkut*, sem dúvida, *site* de relacionamentos que faz parte das redes sociais da internet, pode ser reconhecido, por sua abrangência, como fonte importante para pesquisas que busquem informações sobre a escrita de si na atualidade. Este *site* filiado ao *Google* foi criado no ano de 2004, por um engenheiro turco chamado Orkut Buyukkokten, daí a origem do nome. O objetivo de sua criação era ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos.⁴

Inicialmente o ingresso no *site* era restrito: para participar da rede era preciso receber um convite de alguém que já possuísse um perfil, e mediante a aceitação desse convite, o novo usuário poderia construir

⁴ www.orkut.com

seu perfil e participar da rede. Hoje para se tornar um participante do *Orkut* é necessário somente acessar o *site* do *Google* e fazer o seu cadastro. Ao se cadastrar o participante constrói o seu perfil em um espaço destinado para que possa se identificar, criar a sua identidade virtual. Dentro desse espaço existem algumas abas onde o usuário pode colocar informações pessoais, sociais e profissionais.

No processo de criação de identidade virtual além de se identificar através de informações pessoais o usuário também pode inserir sua foto, e aderir a algumas comunidades que demonstrem seus interesses ou opiniões.

O *Orkut* conta com certo nível de privacidade já que o usuário pode restringir o acesso a alguns conteúdos particulares do perfil como álbuns de fotos, recados, depoimentos e até mesmo alguns itens do perfil. O usuário também determina o nível de privacidade decidindo se permite que os outros participantes vejam ou não suas visitas a outros perfis.

Ao se cadastrar neste site o participante constrói o seu perfil em um espaço destinado para que possa se identificar e construir uma identidade virtual. Dentro desse espaço de identificação chamado “perfil” encontramos o item “quem sou eu”, que é um espaço discursivo no qual o dono da página tem a oportunidade de exercer a prática da escrita de si no ambiente virtual.

Num primeiro momento somos levados a pensar que a resposta dada ao item “quem sou eu”, no perfil do *Orkut*, indica um viés confessional. Hipótese que pretendemos perquirir com o apoio das informações da pesquisadora Paula Sibilía:

É grande a tentação de compreender essas novas modalidades de expressão centradas no eu como um ressurgimento da antiga prática introspectiva de exploração e conhecimento de si, porém adaptada ao contexto contemporâneo e aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias oferecem. (SIBILIA, 2008, p. 70)

3. A escrita confessional

As escritas conhecidas como confessionais tiveram sua origem na Antiguidade, mas foi a partir do século XVIII que “pode-se pensar em gênero confessional ou em literatura íntima” (MACIEL, 2004, p.3). O ápice dessa literatura se deu no século XX, quando os leitores acreditavam que poderiam através da leitura “entrar na intimidade e devassar segredos invioláveis do autor” (MACIEL, 2004, p.5). Na modernidade, as narrativas do “eu” continuam suscitando grande interesse, tanto as publicadas em papel quanto as publicadas nos espaços virtuais.

Ao contrário da mentalidade de leitura que sempre acreditou que estas narrativas consideradas íntimas deveriam ser resguardadas de olhares alheios, agora essas escritas buscam a visibilidade para se consolidar e ocorre “em vez do medo diante de uma eventual invasão, fortes ânsias de forçar voluntariamente os limites do espaço privado para mostrar a própria intimidade, para torná-la pública e visível” (SIBILIA, 2008, p. 77) é o que Sibilía conceitua de “extimidade”, a exibição do que era considerado íntimo nos espaços públicos da internet.

Pena afirma que “no palco contemporâneo o espetáculo em cartaz é a vida” (PENNA, 2004, p. 15) e a interface da internet é o meio pela qual os indivíduos dos ciberespaços expõem suas obras /vidas.

Tudo indica que estamos diante de um novo sujeito que busca construir sua identidade nestes ambientes mediados pela internet, esse sujeito procura se constituir por meio das teclas e das telas dos computadores e da exposição que faz de “si”. De acordo com Sibilía “os computadores e as redes digitais seriam mais um cenário para desenvolver a técnica das confissões” (SIBILIA, 2008, p. 71) e “o fenômeno das confissões na internet é muito complexo e rico, marcado pela variedade, pela diversidade e pelas mudanças velozes” (SIBILIA, 2008, p. 74).

Segundo Maciel "a literatura confessional faz parte da necessidade atual, tanto de narrar a própria experiência, quanto de buscar pela leitura uma identificação com o outro "eu" que se revela" (MACIEL, 2004, p.12). Neste contexto atual do narrar-se, no entanto, "não se trata apenas de olhar pelo buraco da fechadura, mas de estar do outro lado da porta" (PENA, 2004, P.15): é preciso ser o autor, o narrador, o assunto e a personagem.

A partir desta contextualização histórica de que a escrita confessional está disseminada na sociedade contemporânea, faz-se necessário problematizar alguns aspectos relativos a esta aparente exposição da intimidade, procurando compreender como o espaço discursivo do item "quem sou eu" do perfil do *Orkut* foi utilizado para a produção das subjetividades dos usuários, e, por meio do (re) conhecimento dessas subjetividades, investigar a existência de um viés confessional nesses textos mediados pelo computador.

4. A escrita de si no *Orkut*

O total dos participantes da pesquisa foi considerado satisfatório, já que dentre os 130 alunos graduandos do curso de Letras/Português, conseguimos a participação da maior parte, totalizando uma amostra de 107 alunos. Dessa amostra 73% se declararam usuários do *Orkut* e 23% se declararam não usuários.

O *corpus* base de nossa pesquisa foi constituído por 64 textos (considerando também os perfis em branco). Destes textos, os textos de própria autoria representaram 31.25%, seguido de citações com 20.31%, textos retirados de *sites* para perfis do *Orkut* com 18,75%, letras de músicas com 10.93%, textos mistos com 4.70%, textos bíblicos com 3.12% e os perfis que estavam em branco com 10.94%.

Adentrando nesses espaços virtuais na tentativa de compreender esse movimento de escrita no ciberespaço, refletimos primeiramente acerca dos textos próprios encontrados, que são maioria – entenda-se

como próprios os textos que não se constroem a partir de citações - e o que percebemos é que com exceção de dois perfis, as narrativas são curtas, os textos geralmente envolvem primeira pessoa, mas não apresentam um teor intimista característico dos textos consagrados como “confessionais”. Sibilia explica que numa cultura como a atual voltada para a visibilidade “já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca de sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo” (SIBILIA, 2008, p.111).

De todos os textos próprios selecionados encontramos somente dois perfis que apresentam uma narrativa extensa, um “eu” que faz um relato retrospectivo, o que poderíamos caracterizar como um relato autobiográfico. Já que de acordo com Maciel, citando Lejeune “a autobiografia é, apesar das dificuldades de definição a partir de um critério textual puro, um relato retrospectivo em prosa que um indivíduo com vida extratextual comprovada faz de sua própria existência, enfatizando sua vida pessoal e sua personalidade” (LEJEUNE *apud* MACIEL, 2004 p. 8).

A segunda maior ocorrência encontrada nos textos dos perfis dos participantes da pesquisa foi o uso de citações, estratégias de linguagem para não falar abertamente de si, ou, ainda, para preservar sua identidade e restringir o significado somente para aqueles que podem entender. Neste contexto, os participantes da pesquisa também costumam responder a pergunta “quem sou eu” utilizando-se de letras de músicas, em que há novamente o uso do discurso alheio para definir-se.

Outra ocorrência que nos chama a atenção é o uso de textos encontrados prontos em *sites* de mensagens ou frases prontas para perfis (18,75%), geralmente são textos criados para chamar a atenção de quem vê e causar algum tipo de impacto no leitor, comumente apresentam letras coloridas, *emotions*, clichês, demonstrando um apelo real à exposição, à necessidade de ser visto.

A pesquisadora Paula Sibilia explica que os sujeitos do século XXI “recorrem à infinidade de ferramentas ficcionalizantes disponíveis no mercado para se autoconstruir” e a própria “mídia oferece um farto catálogo de identidades descartáveis que cada um pode escolher e emular: é possível copiá-las, usá-las e logo descartá-las para substituí-las por outras mais novas e reluzentes” (SIBILIA, 2008, p.242). Felipe Pena apresenta reflexão parecida quando fala nas “identidades moldadas pelas imagens midiáticas, que fornecem modelos e ideais de consumo” (PENA, 2004, p. 67). São identidades construídas em função da visibilidade, o “eu” que se define a partir e para o olhar alheio, e quer se destacar de alguma maneira no meio das milhares de identidades virtuais que habitam a rede.

Existem também participantes que optam por textos mistos (4,70%), que entrelaçam letras de músicas com citações e textos pessoais. Também encontramos o uso de textos bíblicos para a construção do perfil em 3.12% do *corpus*.

Não podemos deixar de citar os usuários que deixam seus perfis em branco (10.99%), o que poderia indicar que não dão importância para esse item, ou não conseguiram construir um perfil desejado.

5. Ponto (parcial) de chegada

O uso de subterfúgios, como textos copiados de *sites* especializados, letras de músicas e citações, mostra um “eu” que não se desvela através de suas próprias palavras e usa o discurso alheio numa espécie de resposta à demanda pela identidade. E até mesmo quando usa suas próprias palavras não promove uma efetiva forma de confissão, salvo poucas exceções.

Percebemos que a escrita de si fica sempre na superfície das reflexões, os sujeitos não se voltam para dentro de si, mas limitam-se a reproduzir uma imagem que gostariam de construir para o leitor, sem, no entanto, problematizar a questão.

De todo modo é importante ressaltar que as confissões encontradas na internet se distanciam dos modelos de confissões de outrora, o que observamos é a movimentação dos sujeitos em torno de formas diferenciadas de expressão, construídas para o olhar alheio. Ao invés de pensar em “quem sou eu” deve-se pensar em “quem eu devo ser para ser visto”.

Segundo Sibilía (2008) “tudo indica que estaria se deslocando, portanto, o eixo em torno do qual as subjetividades se constroem. Abandonando o espaço interior dos abismos da alma ou dos sombrios conflitos psíquicos” (SIBILIA, 2008, p. 111) e se estruturando na superfície, “na imagem visível do que cada um é”. (SIBILIA, 2008, p. 111).

Os resultados apontam para a construção do “eu” voltada para a visibilidade e não para a singularização pela escrita: não se encontrou grandes relatos ou reflexões acerca da subjetividade de cada um, mas relatos curtos e na maioria das vezes constituídos pelas palavras de outrem para apresentar-se ou falar de si (68,75% não são textos próprios). Por meio da análise deste *corpus* preciso, passa-se a acreditar que a confissão como narrativa autodiegética que singulariza o “eu” narrador por meio de matizes únicos conseguidos por um trabalho específico com a linguagem foi substituída pela exposição padronizada ou por clichês, numa forma de propaganda de si que difere das formas tradicionais de confissão literária consagradas pela historiografia ocidental.

Cabe ressaltar, como sugestão advinda do conhecimento gerado no processo da pesquisa, que a área de estudos de confissão mediada pelo computador comporta outras pesquisas necessárias para compreendermos a produção confessional contemporânea.

Referências

- MACIEL, Sheila Dias. “A literatura e os gêneros confessionais” in: MACIEL & BELON. Em diálogo: estudos literários e lingüísticos. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. Disponível em <http://www.ceul.ufms.br> acesso em 06/01/2010.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.